



DE TRUMAN A NEO: A PLURALIDADE DAS REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS NA RELAÇÃO CINEMA-HISTÓRIA

FROM TRUMAN TO NEO: THE PLURALITY OF DISCURSIVE REPRESENTATIONS IN THE CINEMA-HISTORY RELATIONSHIP

Vinicius Sales Barbosa¹

Flavia Santos Arielo²

Resumo

Por resultar da pesquisa de Iniciação Científica *O Show de Truman: uma análise histórica do gnosticismo no cinema*, que teve como objetivo identificar a existência de princípios gnósticos na obra citada, o presente artigo possui o intuito de aprofundar os temas já pesquisados e apresentar a possibilidade do uso de uma película não-histórica para a compreensão do ofício do historiador no momento de análise dos discursos e da escrita da História. O saber histórico é construído devido ao olhar do historiador e por seu tratamento com as fontes escolhidas, no caso deste trabalho, são os filmes *O Show de Truman (1998)* e *Matrix (1999)*, porque ambos possuem aspectos de criticidade a respeito da prisão criada por um cotidiano tecnológico e, é objetivado evidenciar, semelhanças discursivas que remetem a reflexão existencialista proposta pela religião gnóstica. Como ferramentas teóricas, foram utilizadas as noções de apropriações e representações propostas pelo historiador Roger Chartier, que fundamentam a reflexão das subjetividades discursivas existentes nas imagens cinematográficas e para evidenciar como um filme possibilita a pluralidade de perspectivas em suas entrelinhas.

Palavras-Chave: O Show de Truman. Matrix. Apropriações e Representações. Cinema e História.

Abstract

The Truman Show: a historical analysis of Gnosticism in cinema, which aimed to identify the existence of Gnostic principles in the work cited, the present article intends to deepen the themes already researched and present the possibility the use of a non-historical film for the understanding of the office of the historian at the time of analysis of the discourses and writing of History. Historical knowledge is constructed due to the historian's gaze and his treatment with the chosen sources. In the case of this work, the films *The Truman Show (1998)* and *The Matrix (1999)*, because both have aspects of criticality regarding the prison created by a technological daily, it is objectified to highlight, discursive similarities that refer

¹ Graduado em História e Pós-graduando em História, Cultura e Poder pela Universidade do Sagrado Coração (USC – Bauru/SP). E-mail: vinisalesb@outlook.com

² Professora da Universidade do Sagrado Coração e doutoranda em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP). E-mail: flarielo@yahoo.com.br



to the existentialist reflection proposed by the Gnostic religion. As theoretical tools, the notions of appropriations and representations proposed by the historian Roger Chartier were used, which base the reflection of the discursive subjectivities existing in the cinematographic images and to show how a film allows the plurality of perspectives in their lines.

Keywords: The Truman Show. The Matrix. Appropriations and Representations. Cinema and History.

INTRODUÇÃO

O historiador brasileiro Marcos Napolitano (2008, p. 235) aborda que as obras cinematográficas conquistaram espaço na pesquisa histórica e, pensando na metodologia de trabalho historiográfico, são vistas como novas fontes primárias, complexas e desafiadoras. Devido a isso, é possível dizer que o cinema possui um caráter subjetivo enquanto fonte histórica, uma vez que as representações presentes em suas cenas são repletas de intencionalidade e parcialidade, que apenas começou a ser notado com o advento da Nova História a partir da segunda metade do século XX (NAPOLITANO, 2008, p. 240).

A respeito dessa mudança no panorama das pesquisas provenientes da relação cinema-História pode-se elencar os escritos de Marc Ferro, precursor nos trabalhos sobre essa nova fonte histórica. Segundo Ferro (2010, p. 29), o cinema não era bem visto pelos historiadores enquanto fonte que concederia validade às pesquisas históricas porque, na união das imagens cinematográficas, não havia controle, o que as tornava pseudorrepresentações da realidade. Após a década de 1970 o panorama é alterado e diversas pesquisas com o foco na relação cinema-História surgem. O filme passa a ser encarado como veículo possível para evidenciar os discursos existentes nas classes dirigentes e populares, bem como revelar o íntimo das estruturas de uma sociedade, ou seja, a obra cinematográfica é repleta de História pois representa o imaginário do homem e suas relações sociais (FERRO 2010, p. 31-32).

O presente artigo é uma ramificação da pesquisa de Iniciação Científica, intitulada *O Show de Truman: uma análise histórica do gnosticismo no cinema*, que objetivou estabelecer relações entre o enredo da obra *O Show de Truman* (1998) com princípios religiosos do Gnosticismo. Ao longo da pesquisa, foram encontradas na bibliografia pesquisada informações que defendem que esses princípios religiosos também poderiam ser identificados no filme *Matrix* (1999).



Tendo isso em mente, foi realizada a seguinte divisão do artigo: no primeiro tópico, *Truman, Neo e o cotidiano tecnológico*, há a apresentação das diversas interpretações que o âmbito acadêmico construiu sobre os filmes; em seguida, na subdivisão *Gnosticismo, um breve histórico*, é apresentado o percurso e as bases da religião gnóstica; em *Truman, Neo e as representações gnósticas*, a relação entre os princípios gnósticos e as representações nas obras cinematográficas é estabelecida; e, por último, *O ofício do historiador e as interpretações subjetivas*, há a reflexão sobre as possibilidades de interpretações plurais que podem ser realizadas durante a análise fílmica e que auxiliam na construção dos discursos por meio do olhar analítico e subjetivo do historiador.

TRUMAN, NEO E O COTIDIANO TECNOLÓGICO

Pensar o trabalho histórico com fontes fílmicas é considerar que a imagem cinematográfica não reproduz e nem ilustra a realidade, mas a reconstrói a partir de uma linguagem própria que é produzida num dado contexto, por isso, nos possibilita construir a compreensão acerca dos comportamentos, visões de mundo, valores, identidades e das ideologias de uma sociedade em determinado momento histórico (KORNIS, 1992, p. 238-239).

Segundo o historiador José D'Assunção Barros (2011, p. 178), a partir da análise das fontes fílmicas, os historiadores podem perceber, por meio de uma nova perspectiva, a própria história do século XX e das problemáticas contemporâneas. Dessa forma, podemos pensar o cinema enquanto “agente da história”, uma vez que ele interfere no processo histórico direta ou indiretamente, mas também sofre influências da conjuntura na qual é produzido (BARROS, 2011, p. 180).

Os dois filmes analisados, *O Show de Truman* e *Matrix*, são frutos da globalização que influenciou as sociedades nas décadas de 1980/1990. Mesmo que possuam temáticas semelhantes, a relação tecnologia-cotidiano, as trabalham de formas diferentes, o que ocasiona diversas possibilidades de interpretação. Tais perspectivas são elencadas abaixo, começando por *O Show de Truman* e, posteriormente, *Matrix*.

O filme *O Show de Truman*, lançado no ano de 1998 e dirigido por Peter Weir (*A Testemunha e Sociedade dos Poetas Mortos*), conta a história de Truman Burbank (Jim



Carrey), um simples corretor de seguros da cidade de *Seahaven*. Logo, o espectador é apresentado à verdadeira vida do protagonista, Truman vive em meio a um *reality show* onde todos à sua volta são atores e apenas ele desconhece tal fato. Sua vida se passa numa cidade fictícia e é transmitida para milhões de pessoas por meio de milhares de câmeras.

O filme aborda, como problemática central, críticas à indústria cultural e sua capacidade, enquanto produto da modernidade, de influenciar todos os âmbitos por meio dos veículos tecnológicos, conforme trabalhado pela pesquisadora Marluce Rodrigues (2011). Outra análise possível, segundo Luana Candaten e Maria Veloso (2015), é a possibilidade de crítica à manipulação midiática e como ela interfere no cotidiano social e tem a potencialidade de incentivar os indivíduos a criarem identidades baseadas em seus interesses comerciais.

No entanto, a perspectiva acadêmica que evidencia a maior crítica às ferramentas tecnológicas existentes no filme, trabalha a espetacularização do cotidiano, o diálogo entre o público e o privado, no qual o primeiro adentra o segundo, e o controle que a mídia exerce na sociedade.

Conforme abordam as pesquisadoras Rita Santos e Patrícia Pereira (2011, p. 4-5), a obra chega com a intenção de nos mostrar o interesse de controle cultural por meio da mídia e como hoje não há a necessidade de um confinamento direto, a tecnologia cumpre um papel alienador. Prisões não são necessárias, porque existem TVs e internet. Tal característica é possível notar na condição de prisioneiro do protagonista e nos espectadores aprisionados pelas telas que transmitem o *reality show* ao longo do filme.

A tecnologia é utilizada para garantir a vigilância ininterrupta, de forma que as tecnologias existentes na cidade fictícia na qual se passa a história e no mundo dos espectadores, afetam diretamente as práticas sociais e as ações particulares dos indivíduos, ou seja, percebe-se um entrelaçamento intenso entre o privado e o público ocasionado pelas ferramentas midiáticas (SANTOS; PEREIRA, 2011, p. 9).

Para além da relação entre cotidiano e tecnologia, os pesquisadores Fábio Zampieri e Gerson Fraga (2015, p. 67) trabalham a artificialidade do mundo em que Truman vive e como os acontecimentos são planejados para criar traumas em seu psicológico e, dessa forma, intensificar o controle e mantê-lo na prisão do *reality show*. Os autores elencam e criticam a capacidade da indústria midiática em moldar a identidade do indivíduo para que ele fique preso a essa relação de consumo do que lhe é oferecido. Medos e vontades são condicionados



desde a infância do personagem para que ele deseje permanecer na cidade em que vive e continuar como astro do programa transmitido aos espectadores (ZAMPIERI; FRAGA, 2015, p. 68).

O filme *Matrix* (1999) foi dirigido pelas irmãs Lilly e Lana Wachowski e conta a história de Neo (Keanu Reeves), um hacker que também trabalha como programador de computadores em uma grande empresa de desenvolvimento de software. Além destas atividades, Neo dedica parte de seu tempo a encontrar um misterioso hacker conhecido como Morpheus (Laurence Fishburne). No entanto, é Morpheus quem encontra Neo e que lhe faz a seguinte revelação: tudo o que conhecemos como real é, na verdade, uma ilusão, criada e comandada por uma gigantesca máquina chamada “Matrix”, que retira sua energia dos seres humanos enquanto os cultiva adormecidos. A Neo é oferecido o consumo de uma das seguintes pílulas: a vermelha lhe concede a possibilidade de “acordar”, ou seja, se libertar do controle da Matrix; e a azul o deixaria em seu estado adormecido.

A premissa de *Matrix* parece simples: trabalhar o controle que as máquinas exercem em todo o planeta e como grupos de humanos, que conseguiram se libertar, se rebelam contra esse controle, tanto no mundo virtual, quanto no mundo real. Entretanto, as inúmeras temáticas abordadas nas cenas, e suas respectivas metáforas, originaram no âmbito acadêmico a construção de diversos discursos interpretativos com bases críticas filosóficas, históricas e sociais.

Segundo a cientista Tânia Pereira (2012, p. 2-3), o enredo de *Matrix* trabalha, ainda que de forma apocalíptica, o espaço conquistado pelas tecnologias da comunicação na contemporaneidade e como a Inteligência Artificial cria simulacros para manter os seres humanos em representações da realidade. No entanto, a autora elenca os problemas trazidos por esse avanço das tecnologias da comunicação. Para ela, o acesso a uma grande quantidade de informações tornou o usuário apenas um receptáculo que desconsidera a análise e, essa falta de criticidade, pode gerar diversas implicações ao desenvolvimento da sociedade (PEREIRA, 2012, p. 7).

Enquanto que em *Truman* os acontecimentos ocorrem no mundo físico para causar sequelas psicológicas, em *Matrix*, as verdades são criadas e modificadas diretamente no cérebro dos personagens que se encontram submetidos ao controle das máquinas (ZAMPIERI; FRAGA, 2015, p. 69). “A prisão aqui está no cérebro de cada um, sendo a



realidade alterada pela maneira com que captam os sinais do ambiente virtual, [...] mantendo os seres humanos anestesiados enquanto fornecem energia para o sistema”, segundo Zampieri e Fraga (2015, p. 69).

O pesquisador Giovanni Alves (2006) analisa esse fornecimento de energia que os seres humanos propiciam às máquinas sob uma ótica materialista. Para ele, apenas a análise materialista possibilita a compreensão crítica das distopias tecnológicas e dos objetos fetichizados pela lógica do capital (ALVES, 2006, p. 373). Há elementos narrativos que possibilitam percepções sobre aspectos do mundo do trabalho em suas múltiplas dimensões, como o problema da exploração capitalista e da grande valorização do trabalho abstrato, aquele que fundamenta a mais-valia, e as relações entre emancipação humana e escolhas morais em tempos de um capitalismo global (Ibid., p. 373).

Como última interpretação sobre Matrix, elencamos as análises sobre embates do real e da metafísica. De acordo com Sérgio Massagli (2008, p. 373-374), a obra trabalha a ideia de fluxo e fluidez, uma vez que, os personagens transitam entre o mundo “real” e o “virtual” utilizando cabos e linhas telefônicas o tempo todo, os agentes senscientes da Matrix podem ser qualquer pessoa e qualquer pessoa pode ser um agente. Ele traça uma relação com a flexibilidade da sociedade pós-moderna e como esta causou o declínio da metafísica:

A visão pós-moderna é carregada de um ceticismo tal, que não vemos muito sentido em debater seriamente questões relativas a modos de vida, sejam quais forem. Após a morte da metafísica e a longa autópsia que se realizou sobre o seu cadáver, parece não ter sobrado nada a ser debatido. Junto com a metafísica, morreram os filósofos e pulularam as teorias. Diante do mosaico do mundo pós-moderno, resta ao observador lidar com a situação de dentro dela, de tal forma que o limite entre o pensar e o agir também se dilui. Em um mundo de fluxo acelerado e circulação intensa, não há tempo para que se consolidem costumes, hábitos e verdades “auto-evidentes”. (MASSAGLI, 2008, p. 374)

Esse debate pós-moderno evidencia conflitos existentes entre o papel do indivíduo que não se liga mais aos anseios particulares, mas à função social que esse indivíduo possui e qual seu dever para com o grupo. Nessa linha, Massagli (2008, p. 374) transporta esses questionamentos para o filme Matrix e passa a refletir sobre “que função tem Neo para o que sobrou da realidade, para aqueles que, de algum modo, não estão presos na gaiola virtual da – Matrix ?”. Neo deve, ao longo do enredo, conhecer seus caminhos e decidir entre ser o



“Escolhido” e ajudar os seres humanos que vivem no mundo “real” e no “virtual” ou sucumbir ao controle das máquinas e se tornar novamente um mero gerador de energia.

Em contrapartida, o filósofo David Chalmers (2004) apresenta a existência de debates metafísicos durante os acontecimentos do filme Matrix. Ele traz o conceito filosófico do “cérebro numa cuba”, o explica dizendo que se o cérebro está numa cuba e recebe estímulos e simulacros externos de que ele está dentro de um corpo, não poderá ter a certeza concreta de que não está (CHALMERS, 2004, p. 1). Exemplifica tal conceito com o seguinte trecho:

A situação do Neo no início do filme Matrix é similar a esta. Ele pensa que vive numa determinada cidade, pensa que tem cabelo, pensa que vive em 1999, e pensa também que está Sol lá fora. Mas, na realidade, flutua no espaço, não tem cabelo, o ano em que está é aproximadamente 2199, e o seu mundo foi arrasado pela guerra. Há contudo algumas diferenças entre este cenário do Neo e o do cérebro numa cuba exposto inicialmente: o cérebro do Neo está de facto num corpo, e a simulação é controlada por máquinas e não por um cientista. Mas os detalhes essenciais são bastante idênticos em ambos os casos. Efectivamente, Neo é um cérebro numa cuba. (Ibid., p. 1)

Se o ser humano está incubado, ou seja, na Matrix, e apenas recebe estímulos externos e que o mantém no interior dessa cuba, não há como afirmar com certeza que está preso no mundo simulado. Dessa forma, “então o mundo percebido por seres que estão incubados é um mundo perfeitamente real, [...] mesmo seres que estão incubados têm crenças verdadeiras acerca do mundo” (Ibid., p. 3).

Evidenciar a pluralidade de interpretações acerca das histórias das obras cinematográficas O Show de Truman e Matrix, nos possibilita perceber os diversos caminhos existentes através de análises subjetivas. Pensar a construção de tais discursos promove a reflexão crítica a respeito de várias temáticas, no entanto, essas são as únicas perspectivas possíveis?

GNOSTICISMO, UM BREVE HISTÓRICO

Antes de relacionar os filmes apresentados no tópico acima com os princípios gnósticos, é indispensável a contextualização e conceituação do mesmo. Para que se compreenda todo o processo histórico que remete ao advento do Gnosticismo, é necessário



retornar ao nascimento do Cristianismo Primitivo e no período de sua perseguição nos séculos III e IV d.C. respectivamente.

Segundo Chaves (2006, p. 2), o Imperador Romano Diocleciano inicia no século IV d.C. uma perseguição aos cristãos e aos demais movimentos religiosos a fim de aniquilar locais de cultos secretos, aprisionar líderes religiosos e destruir escritos que remetiam à mitologia dessas crenças. Devido a isso, foram poucos os documentos que sobreviveram ao tempo, ações humanas e ao processo de exclusão do cânone religioso (CHAVES, 2006, p. 2).

No entanto, durante essa conjuntura, há uma mudança de pensamento devido à força que o Cristianismo estava ganhando:

[...] em 314, o imperador Constantino torna o cristianismo lícito, com o edito de Milão. [...] em 379, o cristianismo do concílio de Niceia, é declarado a única forma correta de cristianismo, e em 391, ele é proclamado religião oficial do Império. A partir de então, as outras formas de cristianismo são proibidas e acabam desaparecendo gradualmente, levando consigo os poucos textos restantes das perseguições de anos atrás. (CHAVES, 2006, p. 2-3)

A partir disso, o Gnosticismo, por fazer parte da pluralidade de religiões existentes no período e que não se relacionavam ao Cristianismo, foi tido como prática religiosa herética e passou a ser perseguido pelas autoridades cristãs do Império Romano e pela Igreja Católica posteriormente. Apenas na segunda metade do século XX, no Colóquio de Messina, que o Gnosticismo foi reconhecido como religião praticamente presente em todo o Mundo Antigo, conforme abordado pelo cientista das religiões Flavio Schmitt (2015, p. 171). Ainda segundo Schmitt, a religião gnóstica é um:

[...] complexo de elementos míticos, místicos, psicológicos e filosóficos apresentados num amplo espectro de crenças e sistemas, surgidas no Oriente mediterrâneo e regiões adjacentes aproximadamente à época dos primórdios do Cristianismo. (SCHMITT, 2015, p. 171)

Os achados documentais nos séculos XIX e XX contribuíram para os estudos do Gnosticismo enquanto manifestação religiosa e das demais crenças existentes na Antiguidade e que foram marginalizadas, conforme abordado por Chaves (2006, p. 3). Segundo a cientista das religiões Maria Aparecida Almeida (2012, p. 985), as fontes documentais encontradas em Nag Hammadi no ano de 1945 nos concedem novas “perspectivas por trazerem elementos que



circulavam no contexto das comunidades primitivas e influenciarem na forma de vida do cristianismo em seu período de formação”.

Maria Aparecida Almeida complementa seu argumento ao abordar a importância da *Biblioteca Copta de Nag Hammadi* (BCNH):

A BCNH trouxe à luz muitas contribuições e uma diversidade até então não conhecida e hoje é de importância incalculável para a história dos livros, para a língua copta, para a história da filosofia antiga e para o estudo de manifestações marginais do cristianismo primitivo, pois com esta biblioteca abre-se uma nova janela sobre o período formativo do cristianismo por fornecerem: Tratados de teologia sistemática, obras exegéticas, epístolas, apocalipses, biografias e diários de viagem, relatos da paixão de Jesus apócrifos e códigos morais de várias fontes e inspirações. Certamente, eles apresentam ou trazem indícios de doutrinas e especulações que podem ser mais ou menos identificadas com as doutrinas e heresias eclesiais de escritores do II, III e IV séculos, estigmatizados como gnósticos. (ALMEIDA, 2015, p. 137)

Conforme aborda Júlio Chaves, a BCNH, a partir dos estudos de seus pesquisadores, categorizou os evangelhos gnósticos em três grupos:

Um primeiro grupo é formado pelos textos valentinianos, ou seja, textos cuja doutrina apresenta similitudes com a atribuída pelos heresiólogos aos discípulos de Valentino. Valentino foi um cristão erudito do século II que nasceu na região do Delta do Nilo, foi educado em Alexandria e viveu também em Roma. Seus discípulos e seguidores formaram uma corrente dentro do cristianismo no século II e posteriormente uma igreja distinta. Assim sendo, esta categoria de textos está associada a uma ramificação do cristianismo primitivo que pode ser averiguada com a ajuda de outras fontes, os textos dos heresiólogos. [...] Um outro grupo é formado pelos textos setianos. Esta categoria é uma construção moderna, mas recobre um sistema doutrinário preciso. Estes textos recebem o nome de setianos devido à importância dada por sua doutrina à figura de Set, filho de Adão [...] Uma terceira categoria de textos gnósticos pode ser identificada entre os escritos de Nag Hammadi. São os textos que se aproximam da doutrina descrita por Irineu como sendo a dos “ofitas”. (CHAVES, 2006, p. 12-13)

Segundo o teólogo e historiador Paulo Nogueira (2015, p. 72), as pesquisas sobre a BCNH ainda estão em sua fase inicial, no entanto, elas possuem o potencial de permitir a construção do conhecimento a respeito do cristianismo antigo a partir de seus próprios escritos, e não das críticas tecidas pelos pais da Igreja Católica.



O Gnosticismo pode ser compreendido como uma religião histórica, visto que é possível identificá-lo como manifestação religiosa de forma concomitante ao Cristianismo Primitivo e às perseguições sofridas quando foi encarado como crença herética. As fontes contribuíram e contribuem para as pesquisas, pois possibilitam a construção da filosofia dessa religião e auxiliam na elaboração de hipóteses de como o homem se relacionou com sua doutrina. Tendo abordado o processo histórico de seu nascimento e o percurso das pesquisas, faz-se necessário trabalhar os princípios dessa crença.

É possível elencar três princípios para que se compreenda a base da religião gnóstica: o primeiro faz referência ao Deus-criador de todo o mundo gnóstico; o segundo é sobre a estrutura do próprio mundo criado por tal divindade; o terceiro e último é sobre a essência humana e como ela abriga uma centelha divina. Os princípios serão trabalhados respectivamente e, posteriormente, será realizada a apreciação de como eles estão presentes nos filmes e a importância do ofício do historiador para a análise de tais discursos.

“According to the Gnostics, the mundane world is influenced and ruled by the lower heavens”³ (RUDOLPH, 1987, p. 67-68), ou seja, o Deus Supremo é superior em todos os níveis e alheio aos acontecimentos do Universo que não foi criado por Ele, mas por um Deus inferior que é mau e, dessa forma, o mundo e o homem recebem um pouco de sua moral duvidosa (ARIELO, 2015, p. 92).

Segundo a mitologia gnóstica um Deus-menor criou o mundo e o homem, por isso tais criações possuem falhas e imperfeições. De acordo com o filósofo e teólogo Pedro Santos (2013, p. 17), para o Gnosticismo “o mundo parece uma ‘prisão’, um espaço que atenta contra as questões de sentido humano e social”, o local aprisiona o ser humano em sua própria materialidade.

Assim como toda religião, o gnosticismo possui em seus princípios o mito da cosmogonia, ou seja, a história que narra a criação do universo e do mundo material que, no caso gnóstico, trata-se de uma gênese maléfica (ARIELO, 2015, p. 90).

A criação do mundo apresenta a divindade superior, chamado de Pai da Totalidade ou Deus Desconhecido, que é alheio a todo o processo de criação; há seus filhos Norea, Eleleth, Zoe e Pistis Sophia (Sabedoria) e, por fim, Ialdabaoth, o deus-menor. Este deus menor,

³ Tradução do autor: “De acordo com os gnósticos, o mundo humano é influenciado e governado pelas entidades inferiores”.



chamado também de Demiurgo (artesão), representa a dualidade gnóstica ao nascer da sombra projetada pela luz de Sophia, ou seja, a escuridão que cria o cosmo provém da sombra causada pela luz (NOGUEIRA, 2015, p. 83).

Para Arielo (2015, p. 94), “tanto o homem quanto o próprio mundo se configuram sendo resultado da tragédia divina, causada pela desarmonia entre os deuses”. No Gnosticismo, a criação foi uma tarefa ingrata que coube a um deus menor. O demiurgo gnóstico possui um aspecto autoral e criativo que funda o mundo e seus filhos governantes (*arcontes*) o regem, no entanto, ele caracteriza-se por uma personalidade usurpadora e de aura sombria, o que o torna antagônico ao Pai da Totalidade, segundo o pesquisador Miguel Fernandes (2011, p. 49-50).

Conforme trabalhado pelo teólogo João Alves dos Santos (2006, p. 63), o mundo é visto, em sua essência, como uma criação maléfica e imperfeita, e tais características não devem ser consideradas como sendo culpa do homem, mas do criador. O mundo aprisiona e mantém o homem em sua materialidade e, a única forma de se libertar, é por meio do conhecimento da essência divina presente dentro da alma de cada um, visto que os seres humanos descendem de divindades.

Para o filósofo Thiago Vasconcelos (2017, p. 198), o gnosticismo encara o mundo não apenas como um cárcere do qual o ser humano deve se libertar, mas como um inimigo que ele deve combater para que assim possa atingir a redenção, ou seja, se desvencilhar do controle maléfico dos *arcontes*.

Uma vez que tenha sido criado por uma divindade, o homem deve se questionar e olhar em seu íntimo para libertar-se do mal e do mundo material, atingindo a gnose, ou seja, o conhecimento de sua essência (FIORILLO, 2008, p. 123-124). Esse questionamento pode ser compreendido como seu caminho em busca de sua libertação, ou seja, a conquista da gnose. Segundo Kurt Rudolph (1987, p. 55) e Flavia Arielo (2015, p. 87-88), o termo provém da palavra grega *gnosis*, que significa conhecimento, este que garante a salvação por meio do autoconhecimento e da compreensão de Deus.

Conforme abordado por Rudolph (1987, p. 58-59), a centelha divina presente na alma do ser humano é despertada quando o Deus supremo do Gnosticismo envia o conhecimento (*gnose*) da redenção para libertar o homem de sua prisão mundana. A redenção seria concedida ao gnóstico que chegasse ao conhecimento de sua procedência celestial, ou seja, o



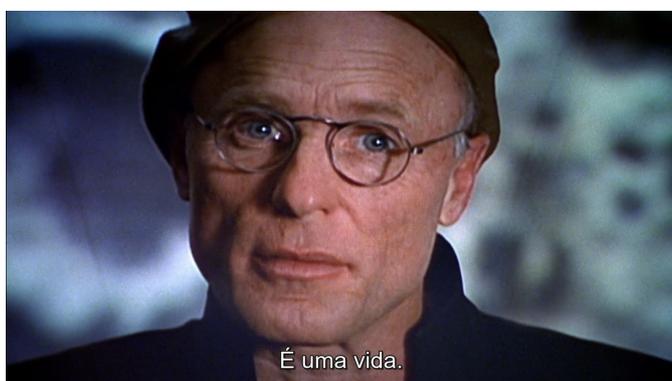
saber de que há uma centelha divina na essência do homem, uma vez que ele foi criado por uma divindade, mesmo que ela possua uma inclinação para o mal (RUDOLPH, 1987, p. 58-57).

TRUMAN, NEO E AS REPRESENTAÇÕES GNÓSTICAS

Para que seja possível estabelecer a relação do que foi exposto anteriormente com o enredo dos dois filmes, a ligação e análise foi realizada da seguinte forma: cada princípio do Gnosticismo é trabalhado separadamente com o intuito de elencar as representações existentes nas cenas em que é possível identificá-lo. O primeiro ponto a ser trabalhado será a representação do Demiurgo, ou seja, do Deus criador existente no Gnosticismo.

Por conceder a Truman a “vida perfeita” e idealizar toda a estrutura do programa (que se encontra há mais de 30 anos em exibição) o produtor Christof pode ser encarado como o deus Ialdabaoth, o Demiurgo gnóstico (Figura 1). Fernandes (2011, p. 49) o caracteriza como possuidor de uma natureza perversa e inclinada ao mal, devido a isso, cria o mundo ao seu reflexo, almejando que fosse sem falhas, mas que possui em sua essência a imperfeição.

Figura 1: Imagem das falas iniciais do produtor do *Reality Show* (0:46)



Fonte: O Show de Truman

Christof deseja audiência para a emissora e, por isso, mantém o protagonista aprisionado em uma *pseudovida*, ou seja, Truman não sabe que faz parte de um *reality show*. Segundo Arielo (2015, p. 95), a existência da humanidade depende das ações humanas para ter continuidade, entretanto, como os homens são detentores de uma natureza perversa, essas ações direcionam a existência da humanidade para um caminho negativo e maléfico. O



produtor consegue convencer tanto espectadores quanto funcionários da emissora, de que seu *reality show* não possui erros morais ou éticos, o que faz o programa permanecer por anos na programação televisiva. O protagonista é refém de uma condição material imposta a ele e que a libertação desta apenas pode ser atingida caso fuja do estúdio de gravação, em outras palavras, alcance a centelha divina presente em sua essência, a gnose.

Em certo momento da história, o produtor do *reality show* é convidado a conceder uma entrevista a um programa de televisão e, numa de suas falas, ele evidencia a moralidade de seu programa e como ela influencia a vida do protagonista e de todos os outros (Figura 2). Ao dizer isso, ele mostra que Truman está sendo um refém de sua própria realidade, com isso podemos traçar uma relação ao conceito do mundo gnóstico enquanto prisão do ser humano.

Figura 2: Imagem da entrevista do produtor do *reality show* (1:06:13)



Fonte: O Show de Truman

Ao identificar esse conceito no filme *Matrix* é necessário considerar que a *Matrix* é um sistema que possui ferramentas para sua própria proteção e segurança, ou seja, além de ser o mundo imperfeito, segundo princípio do Gnosticismo e que será abordado posteriormente, é também o seu próprio Demiurgo. Na cena abaixo (Figura 3), Morpheus leva Neo ao programa de treinamento que tem como objetivo apresentar as sentinelas do mundo virtual da *Matrix*, os chamados *agentes senscientes*, que têm como tarefa evitar que os seres humanos se libertem do controle das máquinas.

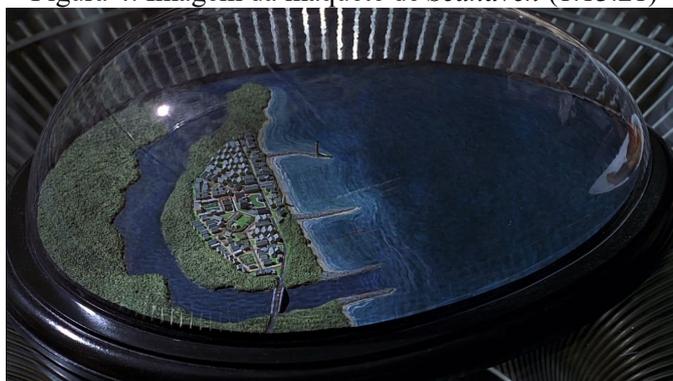
Figura 3: Imagem do *agente sensciente*, ferramenta de segurança da *Matrix* (58:23)



Fonte: Matrix

Para exemplificar o segundo princípio da mitologia do Gnosticismo, a estrutura imperfeita de um mundo que aprisiona o ser humano, é passível de análise a cena do filme na qual é representada a maquete de *Seahaven*, cidade onde se passa todo o enredo (Figura 4). É possível identificar no objeto as barreiras existentes e como a criação desse lugar foi realizada para que fosse perfeito e garantisse uma vida sem preocupações, entretanto, pelo fato de aprisionar o protagonista sem que ele conheça sua real condição, é possível relacionar com as imperfeições mundanas existentes nos ideais gnósticos e que visam controlar e condicionar a vida dos seres humanos.

Figura 4: Imagem da maquete de *Seahaven* (1:13:21)



Fonte: O Show de Truman

O princípio do mundo imperfeito em Matrix aparece de duas formas que se interligam. A primeira diz respeito ao mundo real propriamente dito (Figura 5), que se encontra devastado devido aos conflitos entre homens e máquinas e é encarado pelos personagens como o “deserto do real”. A Matrix então, segundo o próprio Morpheus, cria um mundo dos



sonhos gerado por computador, no qual os seres humanos possuem imagens residuais que são controladas pelas máquinas e, assim, desconhecem a sua real condição: serem cultivados em grandes campos para gerarem energia para esse mundo imperfeito. É possível verificar os campos de cultivo de seres humanos na cena em que Neo alcança a libertação de seu corpo físico (Figura 6).

Figura 5: Imagem do mundo real após a tomada do poder pelas máquinas (41:05)



Fonte: Matrix

Figura 6: Imagem da libertação do corpo – humanos como baterias (31:41)



Fonte: Matrix

Como último ponto, é trabalhado a liberdade de ambos os protagonistas, ou seja, a conquista da gnose. Após viver 30 anos como estrela de um *reality show* e desconhecer tal condição, diversos ocorridos causam em Truman um desconforto com a sua situação e o fazem se questionar a respeito de toda a sua vida e de que forma ele pode encontrar respostas.

Para alcançar sua libertação, Truman busca em suas memórias e nas imperfeições do mundo no qual habita as respostas para a sua condição. É possível elencar duas cenas que



representam o gatilho para as suspeitas do protagonista e sua base para a construção do seu conhecimento visando a redenção. A primeira acontece nos primeiros minutos de filme e apresenta um holofote caído na rua (Figura 7), falha técnica no estúdio e que é explicada como sendo queda de peças de avião; a segunda cena também apresenta uma falha no estúdio no momento em que inicia a chuva apenas no protagonista (Figura 8).

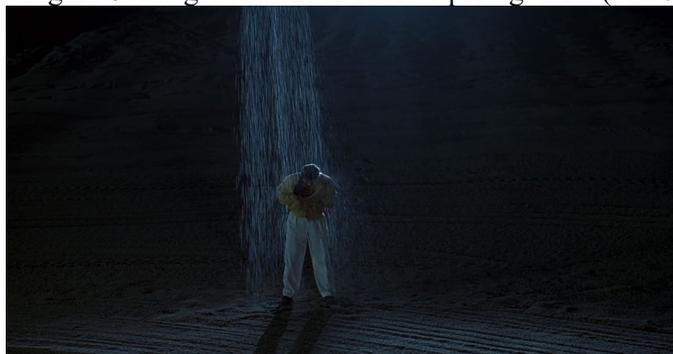
Em ambos os acontecimentos é evidenciado que a cidade de *Seahaven*, criada para ser perfeita, possui falhas, e elas são responsáveis por provocar em Truman a suspeita de que algo não está certo o que o faz questionar sua própria condição.

Figura 7: Imagem do holofote caído (3:33)



Fonte: O Show de Truman

Figura 8: Imagem da chuva sobre o protagonista (12:45)



Fonte: O Show de Truman

Em *Matrix*, é possível elencar dois tipos de libertação: a física, já apresentada anteriormente, e a mental. Durante o embate final contra o agente Smith, Neo passa a entender que se encontra em um mundo virtual criado pelas máquinas. Ao ter essa consciência, ele conquista a libertação ao perceber que sua imagem residual dentro da *Matrix*



é controlada por sua mente e ela pode interferir em diversos aspectos do mundo imperfeito (Figura 9), como parar os tiros desferidos contra ele. Tal ação evidencia a ascensão à gnose, uma vez que Neo compreende que o conhecimento de sua essência pode garantir a supremacia de sua mente e a revolução contra o mundo virtual.

Figura 9: Imagem da libertação da mente – a gnose dentro da Matrix (2:05:47)



Fonte: Matrix

O mundo gnóstico possui ferramentas para manter os seres humanos presos em sua materialidade, no entanto, cabe ao homem buscar a libertação dessa prisão carnal para que alcance a salvação de sua alma ao conquistar a consciência de que é detentor de uma essência divina, conforme aborda Pedro Santos (2013, p. 8). Pensar as duas formas de prisões existentes nos dois filmes constrói o saber de que o Gnosticismo representa a busca do ser humano pelo autoconhecimento para que assim tenha o saber de sua essência. Ao lutarem para conquistar esse autoconhecimento os protagonistas alcançaram a gnose e, conseqüentemente, a redenção (ARIELO, 2015, p. 92-93).

O OFÍCIO DO HISTORIADOR E AS INTERPRETAÇÕES SUBJETIVAS

No decorrer da análise, foram elencadas diversas representações existentes nas duas obras cinematográficas e que podem ser relacionadas com os três ideais Gnósticos. Devido a isso, faz-se necessário a apreciação das particularidades analíticas do ofício do historiador para que se construa a compreensão do fazer histórico.

O historiador quando decide pela metodologia de análise cinematográfica, deve se dedicar e se atentar a decifrar os objetos presentes na obra escolhida, pois, mesmo que seja um filme apenas de entretenimento, há a possibilidade de uso como fonte e agente da



construção do conhecimento histórico (NÓVOA, 1995, p. 3). Com isso, é possível compreender que o discurso estruturado pelo historiador é baseado em seu olhar subjetivo e analítico a partir de sua interpretação da fonte.

Durante o trabalho de edificação deste artigo, foram buscadas as noções de apropriações e representações propostas pelo historiador Roger Chartier, para que embasassem a metodologia de análise e de construção dos discursos historiográficos por meio das interpretações subjetivas.

Como primeiro passo, ao considerar as fontes filmicas, o historiador deve identificar as ambiguidades nos sentidos da representação, mas que acabam se complementando. O primeiro sentido evidencia a presença de elementos, ou seja, o signo procura representar um objeto ou pessoa que já se encontra presente; já o segundo sentido busca a ausência, uma vez que o signo almeja a representação de algo ou alguém inexistente em determinado ambiente (CHARTIER 2002, p. 74).

Ao pensar tais particularidades dos signos representativos, cabe ao historiador refletir acerca de suas diferenças, compreender que há uma dificuldade de referência entre os signos e seus significantes e, por último, escrever a História e buscar construção de um caminho inteligível que os relaciona (CHARTIER 2002, p. 75). Para ilustrar, é possível elencar as análises quadro a quadro realizadas na seção anterior, o que indica o trabalho com signos ausentes e presentes e como sua interpretação está condicionada ao olhar e interesse do pesquisador.

Após o entendimento da construção e da exibição das representações, é necessário que o historiador as critique, de acordo com o caminho que deseja dar a análise de sua fonte e estruturação de seu discurso. Segundo Chartier (2011, p. 23), as representações necessitam de certo cuidado, uma vez que possuem a característica de se afirmarem como verdade sobre a realidade. O ofício do historiador seria então desconstruir essa estrutura representativa, se apropriar dos discursos existentes durante a análise para que possa criticar a característica verdade dos signos e refletir sobre a pluralidade de interpretações possíveis. Esses métodos concedem ao historiador uma outra visão sobre o que é apresentado nas obras cinematográficas e, dessa forma, orquestrar a escrita de um conhecimento histórico plural e subjetivo.



É defendido por Chartier (1990, p. 16-17) que é dever da História Cultural criar e oferecer ferramentas de compreensão da construção da realidade social, sendo uma delas, justamente aquela realizada por meio da hermenêutica das ideias, que tem como objetivo evidenciar a possibilidade diversas interpretações originadas a partir da apropriação e análise dos discursos representativos.

O historiador não deve cair na generalização, uma vez que cada caso de representação possui suas particularidades, que devem ser submetidas à análise para que se compreenda a interação dos elementos discursivos. Isso garante ao historiador a percepção, através dos estudos dos signos, sobre a parcialidade e intencionalidade provenientes do imaginário do autor que idealizou a obra e a produziu, seja ela escrita, cinematográfica, imagética, etc. (CHARTIER 1990, p. 17).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A premissa central das obras é mostrar a vida cotidiana como espetáculo, o diálogo entre o público e o privado, no qual o primeiro adentra o segundo e as tecnologias em nosso cotidiano. Entretanto, o foco deste artigo foi evidenciar diversos olhares acadêmicos sobre os assuntos contidos no enredo de cada filme, enxergar nas entrelinhas da história novos temas de pesquisa e evidenciar que mesmo que ambos filmes não sejam de cunho histórico e tampouco religioso, há inúmeras possibilidades de se trabalhar com essas fontes.

O estudo do Gnosticismo promove a compreensão das bases cristãs em seu período de formação durante os séculos III e IV d.C., e demonstram que, na época de seu advento, havia uma gama de manifestações religiosas que não possuíam uma ortodoxia definida e eram, de certa forma, conflituosas (CHAVES, 2006, p. 18).

É possível verificar que o intercâmbio entre história e cinema se faz presente na medida em que, essa manifestação artística, consegue evidenciar sinais do tempo em que é produzida e construir temáticas que transcendem o representado e se encaixam em diversas épocas. O historiador, ao educar seu olhar para que seja possível ler as imagens de forma profunda (KORNIS, 1992, p. 238), possibilita a criação de relações subjetivas que garantem o enriquecimento das fontes históricas. Dessa forma, a análise fílmica possibilita a construção de ideias e conhecimentos históricos conforme a apropriação das representações que o



pesquisador realiza de cada discurso existente em seu objeto de estudo (CHARTIER 2002, p. 76).

O tema abordado em cada filme, *O Show de Truman* (1998) e *Matrix* (1999), não os insire no gênero histórico ou religioso. Entretanto, ao utilizar das noções de apropriações e representações, foi possível evidenciar e trabalhar aspectos que representam tais pontos e que possibilitam uma nova perspectiva a respeito do enredo e das cenas que ampliam os caminhos das pesquisas históricas e religiosas. O olhar analítico e subjetivo do historiador, ao buscar nas entrelinhas significados históricos, tem o potencial de reinventar o âmbito das metodologias e criar novos panoramas para as pesquisas na área da História e da Historiografia.

FILMOGRAFIA

O Show de Truman. Direção de Peter Weir. Produção de Andrew Niccol. Roteiro: Andrew Niccol. Florida: Paramount Pictures, 1998. (103 min.), DVD, son., color. Legendado.

Matrix. Dirigido por Lana Wachowski e Lilly Wachowski. Produção e Roteiro: Irmãs Wachowski. Estados Unidos: Warner Bros., 1999. (136 min.), DVD, son., color. Legendado.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. A. de A. A categoria Luz na Biblioteca Copta de Nag Hammadi. **Horizonte**, PUC, Belo Horizonte-MG, v. 10, n. 27, p. 983-1011, jul. /set. 2012. Disponível em: <http://200.229.32.55/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2012v10n27p983>. Acesso em: 26 de fev. de 2017.

ALMEIDA, Maria Aparecida De Andrade. Bíblia e arqueologia: a contribuição da biblioteca copta de Nag Hammadi para o estudo do cristianismo. **Revista arqueologia pública**, Campinas, SP, v. 9, n. 11, p. 129-140, 2015. Disponível em: <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8644787>. Acesso em: 26 fev. 2017

ALVES, Giovanni. Trabalho, técnica e estranhamento: uma análise sociológica. **Cronos**, Natal-RN, v. 7, n. 2, p.373-382, jul-dez. 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/3217>. Acesso em: 30 maio 2019.

ARIELO, Flavia Santos. **Considerações sobre o mal**. O Anticristo de Lars Von Trier: teodiceia e gnosticismo. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.



BARROS, José D'assunção. Cinema e História: Considerações sobre os usos historiográficos das fontes filmicas. **Comunicação & Sociedade**, São Paulo, v. 32, n. 55, p. 175-202, 30 jun. 2011. Instituto Metodista de Ensino Superior. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/CSO/article/view/2324>>. Acesso em: 23 maio 2019.

CANDATEN, Luana; VELOSO, Maria Thereza. “O show de Truman” e “o ator”: uma vida manipulada pela mídia. **Revista crioula USP**, São Paulo, n. 16, dez. 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/97187>>. Acesso em: 26 fev. 2017.

CHALMERS, David J.. A Matrix enquanto hipótese metafísica. **Crítica na Rede**, v. 8, n. 8, p.1-10, ago. 2004. Tradução de Luís Estevinha Rodrigues. Disponível em: <https://criticanarede.com/meta_matrix.html>. Acesso em: 30 maio 2019.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Algés: DIFEL, 1990.

_____. Defesa e ilustração da noção de representação. **Fronteiras**, Dourados, v. 13, n. 24, 2011, p. 15-29. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/gthistoriaculturalrs/nocaoderepresentacao.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

_____. O Mundo como Representação. In: CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes**. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p.61-78.

CHAVES, J. C. D. A biblioteca copta de Nag Hammadi: Uma história da pesquisa. UEL, **Laboratório de estudos sobre as religiões e religiosidades**, c2006. Disponível em:<http://www.uel.br/laboratorios/religiosidade/pages/arquivos/textosNaqHammadiLERR.pdf>. Acesso em: 26 de fev. de 2017.

FERNANDES, Miguel Ângelo Rodrigues. Regresso às origens: pistas para a construção da identidade do bem e do mal. **Revista OPSIS**, Catalão-GO, UFG, v. 2, n. 11, p.47-62, jul./dez. 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/Opsis/article/viewFile/14881/10501>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FIORILLO, Marília. Apontamentos sobre o enigma gnóstico. **Revista de Estudos da Religião**, PUC-SP, v. 8, p. 119-141, mar. 2008. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv1_2008/i_fiorillo.pdf>. Acesso em: 08 fev. 2018.

KORNIS, Mônica Almeida. História e cinema: um debate metodológico. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 237-250, 1992. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1940>>. Acesso em: 26 de fev. de 2017.



- MASSAGLI, Sérgio Roberto. Identidades culturais no deserto do hiperreal no filme Matrix. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 3, n. 37, p.371-378, set-dez. 2008. Disponível em:
<http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N3_38.pdf>. Acesso em: 30 maio 2019.
- NAPOLITANO, Marcos. Fontes Audiovisuais: A História Depois do Papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 235-289.
- NOGUEIRA, Paulo – Gnósticos. In: FUNARI, Pedro Paulo (Org.). **As religiões que o mundo esqueceu: Como egípcios, gregos, celtas, astecas e outros povos cultuavam seus deuses**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 67-85.
- NÓVOA, Jorge. Apologia da relação cinema-história. **O Olho da História: Revista de Teoria, Cultura, Cinema e Sociedades**, Bahia, v. 1, n. 1, p.1-9, nov. 1995. Disponível em:
<<http://oolhodahistoria.ufba.br/numero-1/>>. Acesso em: 25 out. 2018.
- PEREIRA, Tânia Oliveira. As tecnologias e a comunicação na contemporaneidade: a trilogia Matrix. **Revista Temática**, Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, v. 8, n. 12, p.1-15, dez. 2012. Disponível em:
<<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/tematica/article/view/23135>>. Acesso em: 30 maio 2019.
- RODRIGUES, Marluce De Oliveira. “O show de Truman”: uma análise crítica da indústria cultural. **Revista Ética e Filosofia Política**, Juiz de Fora-MG, UFJF, v. 2, n. 14, p. 154-182, out. 2011. Disponível em:
<http://www.ufjf.br/eticaefilosofia/files/2011/10/14_2_rodrigues_11.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2017.
- RUDOLPH, Kurt. **Gnosis: the nature and history of Gnosticism**. Harper USA, 1987.
- SANTOS, João Alves dos. Cristianismo e Gnosticismo: uma avaliação de sua incompatibilidade ao ensejo da publicação do “Evangelho de Judas”. **Fides Reformata**, São Paulo, v. 11, n. 1, p.51-81, 2006. Disponível em:
<<http://cpaj.mackenzie.br/fidesreformata/artigos.php#XI>>. Acesso em: 26 set. 2018.
- SANTOS, Pedro Paulo Alves dos. Cristianismo e Gnosticismo: a recepção de elementos do helenismo religioso. **Principia**, Rio de Janeiro, UERJ, v. 16, n. 26, p.15-30, 2013. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/principia/issue/view/569>>. Acesso em: 30 jul. 2018.
- SANTOS, Rita de Cássia S.; PEREIRA, Patrícia Almeida. O Show de Truman e a espetacularização do cotidiano: controle e visibilidade na sociedade contemporânea. In: III CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS NA AMAZÔNIA (CIELLA), 3., 2011. **Anais**. Belém-PA: UFPA, 2011. p. 1 - 10. Disponível em: <<http://iii.ciella.com.br/index.php>>. Acesso em: 30 jul. 2018.



SCHMITT, Flávio. Exclusividade e Intolerância na Igreja Primitiva. **Estudos de Religião**, São Paulo, v. 29, n. 1, p.169-178, 30 jun. 2015. Instituto Metodista de Ensino Superior. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/5399>>. Acesso em: 20 set. 2018.

VASCONCELOS, Thiago. O Gnosticismo Antigo e o Existencialismo Contemporâneo: duas versões do Niilismo segundo Hans Jonas. **Cadernos Cajuína**, Teresina - PI, v. 2, n. 1, p.195-204, fev. 2017. Disponível em: <<https://cadernoscajuina.pro.br/revistas/index.php/cadcajuina/article/view/131>>. Acesso em: 26 set. 2018.

ZAMPIERI, Fábio Lúcio; FRAGA, Gerson Wasen. O Cinema e as Prisões da Realidade: Reflexões Sobre a Memória a Partir dos Filmes O Show de Truman, Matrix e Amnésia. **Gavagai: Revista Interdisciplinar de Humanidades**, Erechim, v. 2, n. 1, p.62-74, jan-jun. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/GAVAGAI/issue/view/76>>. Acesso em: 30 maio 2019.